

## **O PROJETO BIOLOGIA NA PRAÇA INTERAGINDO COM A CULTURA INDÍGENA KAINGANG**

Tania Lúcia Muneron (tanialm@unochapeco.edu.br)  
Geovana Mulinari Stuani (geovana.mulinari@gmail.com.br)  
Andressa Samara Volinski (andressa.v@unochapeco.edu.br)  
Jéssica Zauza Fiorese (je\_fiorese@unochapeco.edu.br)  
Thiago Bastiani (thiago\_b@unochapeco.edu.br)  
Ana Cristina Confortin (anac@unochapeco.edu.br)  
Sandra Mara Sabedot Bordin (sandrams@unochapeco.edu.br)

### **Resumo**

O presente relato refere-se às atividades desenvolvidas pelo Museu de Ciências Naturais e o Curso de Ciências Biológicas através do Projeto Biologia na Praça junto aos estudantes Indígenas da Escola Estadual Indígena de Ensino Fundamental Joaquim Gaten Casemiro. A escola localiza-se na reserva Aldeia Sede Posto Indígena, município de Nonoai /RS, contando com a participação de aproximadamente 90 estudantes do 6º ao 9º ano do Ensino fundamental nas seis oficinas temáticas desenvolvidas pelo projeto. O objetivo do trabalho proposto era interagir com a cultura Indígena estabelecendo um diálogo entre os saberes da cultura e o conhecimento científico a fim de pensar alternativas para os problemas vivenciados na aldeia. As atividades foram desenvolvidas na forma de oficinas selecionadas a partir do reconhecimento dos problemas da comunidade via visita diagnóstica, sendo que Museu de Ciências Naturais desenvolveu três oficinas. Apresentamos uma reflexão a cerca da experiência evidenciando as percepções e os aprendizados dos estudantes Indígenas a respeito dos temas trabalhados.

**Palavras chave:** cultura Kaingang, divulgação científica, dialogo entre saberes.

### **1. CONTEXTO DO RELATO**

O Museu de Ciências Naturais desenvolve ações a serviço da sociedade, recebendo a comunidade acadêmica e o público em geral, incluindo as Instituições de Ensino desde o nível pré-escolar. As atividades desenvolvidas envolvem minicursos, oficinas e ações de sensibilização ambiental, contribuindo para a formação e a capacitação profissional dos futuros docentes, bem como a divulgação científica junto aos estudantes das escolas da rede pública e privada.

O Projeto Biologia na Praça é uma das atividades desenvolvidas pelo Museu em parceria com o Curso de Ciências Biológicas da Unochapecó (Universidade Comunitária da Região de Chapecó), visando aproximar as atividades científicas desenvolvidas na Universidade com as escolas da educação básica tanto em Chapecó, quanto outros municípios e estados. O princípio norteador deste projeto é aproximar o Curso de Ciências Biológicas e o Museu de Ciências Naturais com as Escolas de Educação Básica, devido à relevância das

contribuições das atividades científicas e interativas que reflitam sobre a riqueza da biodiversidade regional e a importância da sua conservação. Neste sentido, é necessário mostrar a Ciência como parte da vida e dos problemas socioambientais levando os estudantes a refletirem sobre as suas atitudes no ambiente em que estão inseridos. Estão envolvidos nesta tarefa acadêmicos, docentes e técnicos numa ação conjunta de divulgar o saber científico junto à comunidade, contribuindo com o exercício da docência e na promoção da alfabetização científica (STUANI et al, 2013).

Nas atividades relatadas a seguir o grande desafio era interagir e contribuir com a emancipação dos estudantes Indígenas. Visto que na história da educação escolar Indígena o caráter colonizador, integracionista e civilizador se mostrou inadequado para o acesso ao conhecimento aos povos Indígenas, por fragmentar o conhecimento (BERGAMASCKI; MEDEIROS, 2010). Apesar dos prejuízos atribuídos historicamente pela escola nestas sociedades é possível perceber que as escolas Indígenas atualmente, por meio de práticas buscam, na memória, na tradição, nos saberes ancestrais e no ensino de história a afirmação da identidade étnica (BERGAMASCKI; MEDEIROS, 2010).

Pensar a educação escolar Indígena requer considerar a interculturalidade, o bilinguismo e a especificidade do currículo escolar de forma a superar o monólogo e construir o diálogo entre os saberes. (RAZERA; BOCCARDO; PEREIRA, 2006).

Neste sentido o Projeto Biologia na Praça em sua 7ª edição foi desenvolvido com estudantes Indígenas da cultura Kaingang e visou valorizar esta cultura, bem como potencializar atividades educativas que possam ser desenvolvidas pela escola. Um dos desafios foi estimular os estudantes a ser protagonista na organização de projetos voltados a melhoria da qualidade de vida na aldeia. Desta maneira, este relato descreve e analisa a primeira experiência envolvendo estudantes Indígenas e o Museu de Ciências Naturais através do dialogo com os saberes da cultura Indígena e o conhecimento científico, na forma de oficinas.

## **2. DETALHAMENTO DAS ATIVIDADES**

A formação para a interculturalidade envolve dois aspectos fundamentais. Um diz respeito à convivência intercultural, ou seja, ao processo de comunicação, de entendimento e de interação entre as pessoas das mais diversas origens e culturas. Outro se refere à igualdade de oportunidades e o acesso de todos aos recursos: educação, emprego, habitação (CASSIS, 2010).

A educação intercultural é um combate direto das minorias étnicas e por consequência, uma luta direta contra as desigualdades sociais (COSTA, 2012). Não se trata somente de uma proposta pedagógica, focalizada dentro do espaço escolar, mas uma proposta epistemológica que esta intimamente relacionada com as mudanças paradigmáticas, de respeito à condição humana, as diferentes culturas, formando parte de um projeto democrático de sociedade (COSTA, 2012).

O projeto Biologia na praça iniciou em 2011 e em 2013 completou a 7ª edição, perfazendo um total de atendimento em todas as edições de aproximadamente 700 estudantes do 5º ano do ensino fundamental ao 3º ano do ensino médio, pertencentes a 14 escolas Estaduais e Municipais de Chapecó/ SC e do Município de Nonoai/ RS.

O projeto biologia na praça realizado com os estudantes Kaingangs da Escola Estadual Indígena Joaquim Gaten Casemiro, localizada no município de Nonoai/RS, contou com a participação de aproximadamente 90 estudantes do 6º ao 9º ano do Ensino fundamental.

As oficinas foram realizadas no campus da Unochapecó, utilizado o bosque e os espaços de infra-estrutura. Antes de desenvolver o projeto foi realizada uma visita de reconhecimento na Escola Indígena de Ensino Fundamental Joaquim Gaten Casemiro para perceber as necessidades através de conversa informal com os professores e pessoas da comunidade, a fim de planejar as oficinas de acordo com a realidade sócio cultural da comunidade, onde os estudantes estão inseridos. Porém a conversa com estudantes não foi possível, pois as aulas estavam suspensas em função de um fato ocorrido na comunidade. As atividades propostas foram organizadas contemplando os momentos pedagógicos: problematização, organização do conhecimento e aplicação do conhecimento (DELIZOICOV, 1991) e realizadas na forma de um circuito interativo, sendo que o Museu de Ciências Naturais foi responsável por três oficinas, sendo elas: Cinema Educativo; Jogo da vida e Observação de aves. As outras três oficinas foram desenvolvidas pelos acadêmicos do 6º período de Ciências Biológicas a través da disciplina de Laboratório de Ensino IV.

Na oficina do **cinema educativo** foi trabalhado o filme “Lenda das Cataratas do Iguaçu” de Mauricio Appel, referente à cultura Kaingang. O filme retrata um casal de jovens Indígenas kaingang que se apaixonam e lutam contra a supremacia do deus “M’boi”, filho do deus “Tupã” que se manifesta terminando com fim romântico, mas trágico. O Objetivo do filme era de valorizar a cultura indígena a partir da lenda da cultura kaingang.

Na visita a Aldeia Sede Posto Indígena percebeu-se que o lixo estava espalhado no ambiente em grande quantidade. Para dialogar com esta problemática foi desenvolvida a oficina do **Jogo da Vida**, que teve por objetivo esclarecer sobre os benefícios da reciclagem bem como a importância da separação e encaminhamento adequado do lixo. A atividade teve início com a problematização através de levantamento do conhecimento prévio dos estudantes a partir de questionamento do significado da temática para eles. Em seguida ocorreu à apresentação expositiva onde se abordou os tipos de lixo, a importância da reciclagem e destino adequado do lixo bem como a vida útil de cada um dos tipos de lixos apresentados. Após os estudantes foram convidados a jogarem o jogo da vida, sendo que dependendo da casa do jogo em que o estudante parava tinha perguntas sobre a separação do lixo e os cuidados referentes à conservação do meio ambiente.

A questão da conservação da Biodiversidade deu-se através do resgate das aves nativas presentes na aldeia, através da oficina intitulada **Observação de aves**. O objetivo era o resgate dos conhecimentos dos estudantes Indígenas sobre a biodiversidade de aves típicas da região, enfatizando a importância ecológica da avifauna para conservação. A problematização iniciou-se com o levantamento dos conhecimentos prévios dos estudantes sobre quais aves eles conheciam e já haviam observado na aldeia. Em seguida, foram instruídos da forma correta quanto a utilização e manuseio do binóculo para observação da avifauna. Na sequência os estudantes foram conduzidos à área verde da universidade para observação e identificação das aves mais frequentemente encontradas na região. A organização do conhecimento foi realizada em sala com auxílio de equipamento de áudio para ouvir as vocalizações das espécies nativas de aves e explicando sobre a importância delas para o equilíbrio ecológico. Na aplicação do conhecimento os estudantes confeccionaram um mural com os nomes populares em português e Kaingang da sua ave preferida.

A percepção das contribuições das oficinas tanto na valorização da cultura Indígena quanto na popularização do conhecimento científico deu-se através de um questionário aplicado aos estudantes da escola participantes das três oficinas. O questionário era composto de duas questões abertas norteadoras. Sendo elas: 1. Que aprendizado a oficina proporcionou para você? 2. O que você levaria para sua comunidade, aldeia? Por quê?

### 3. ANÁLISE E DISCUSSÃO DO RELATO

Responderam o questionário no total de 146 estudantes, sendo que os estudantes participaram de mais do que uma oficina. Os dados coletados referem-se á 82 estudantes participantes da oficina do Cinema educativo, 39 estudantes participantes da oficina do jogo da vida e 25 estudantes que participaram da oficina de observação de aves. A figura 01 retrata a série dos estudantes participantes nestas três oficinas e apresenta o maior índice, de 38 por cento de estudantes da 7ª série, seguidos por 31 por cento de estudantes da 6ª série e 20 por centos dos estudantes da 5ª série.



**Figura 01:** Distribuição dos estudantes participantes das oficinas do cinema educativo, jogo da vida e observação de aves por série.

A análise e discussão dos relatos e das respostas das questões 1. “Que aprendizado a oficina do cinema educativo proporcionou para você?” e 2. “O que você levaria deste aprendizado para sua comunidade, aldeia? Por quê?” dos estudantes participantes das três oficinas serão apresentados no decorrer do texto, discutidos de acordo com os dados de cada oficina.

Na oficina do **cinema educativo**, as respostas obtidas na primeira questão, os estudantes descreveram não ter conhecimento da lenda das Cataratas do Iguaçu, e acrescentaram, na grande maioria, que gostariam de levar esse conhecimento para sua aldeia e promovendo-o a todos. Como se observa no relato “*Eu aprendi no cinema uma coisa nova para eu levar para minha aldeia*”. Na análise da segunda pergunta grande parte das respostas foram confusas, mas alguns relatos revelam o seguinte “[...] *a historia para contar para as*

crianças”; “*Eu levaria a nossa cultura para nós não esquecer mais*”; “*Eu levaria a cultura para todos os lugares*”, permitindo a percepção que houve o entendimento do sentido da oficina. O objetivo da oficina era a valorização da cultura Kaingang, sendo esta questão ressaltada por Bergamascki e Medeiros (2010), onde afirmam que as escolas Estaduais Indígenas através do resgate de práticas que buscam na memória, na tradição, no saberes ancestrais afirmar a identidade étnica destas comunidades, fazendo destas práticas uma aliada na luta contra a exclusão.

No **jogo da vida**, nas questões temos como respostas relevantes os relatos: “*Eu aprendi que não pode jogar o lixo no rio sem ser o lugar certo, e os restos de verduras plantar para virar adubo*”; “*Para nós reciclar os lixos, e não jogar no chão e jogar nos lugares certos*”; “*Para que eles se conscientizem, para não jogar no chão tem que reciclar todo o lixo do chão, é isso que eu quero para a minha comunidade*”, com isso é possível perceber que os estudantes entenderam o principal objetivo da oficina sobre a importância da reciclagem e destino adequado do lixo.

No decorrer da apresentação foi questionado ao grupo de estudantes se na Aldeia Sede Posto Indígena tem coleta seletiva e a maioria dos estudantes presentes afirmou que tem e que o horário de coleta é no período noturno, como descrito na fala “*o caminhão de lixo passa só à noite*”.

Quanto à apresentação sobre o lixo orgânico e inorgânico, foi proposto o desenvolvimento de uma composteira com o lixo orgânico na aldeia e com o lixo inorgânico, foi trabalhado sobre os benefícios da reciclagem que permitem a redução dos impactos ambientais, além de servirem como fonte de renda para muitas famílias seja na produção de artesanatos ou no trabalho em cooperativas de catadores. Foi indagado se eles sabiam fazer balaios e cestos, dois estudantes da turma relataram: “*desde criança aprendemos a fazer os cestos e balaios com nossos pais para ajudar a comprar comida*”. Outros comentaram “*não sabemos, porque não vemos nossos pais fazerem*”.

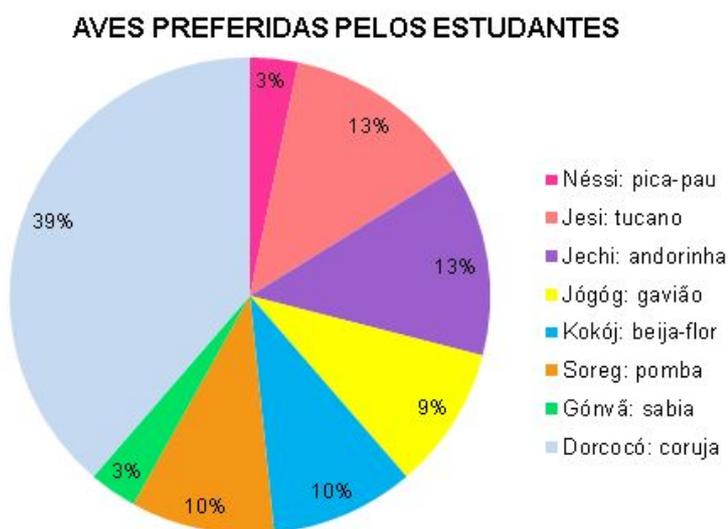
Atualmente as comunidades Indígenas do oeste catarinense encontram-se inseridas na sociedade do consumo o que leva muitas vezes a uma descaracterização de seus hábitos tradicionais. Neste sentido é necessária uma ação educacional que se volte para contribuir com subsídios e reflexões para a *sustentabilidade socioambiental* das comunidades Indígenas (SECAD/MEC, 2007).

Na oficina de **observação de aves**, a análise dos relatos evidenciou que a observação das aves proporcionou aos estudantes a reflexão sobre a importância da presença da avifauna em seu ambiente natural, pelo relato “*Eu aprendi observar aves*”, “*Eu aprendi a ver de perto minha primeira ave, gostei muito*”. Percebemos que estes possuem pouco contato com a fauna nativa silvestre, mas que a oficina conseguiu sensibilizar os estudantes a conhecerem as aves, como relata este estudante “*Eu aprendi a pesquisar os pássaros, eu gostei muito da oficina. Eu gostei muito desse lugar, eu aprendi nomes dos pássaros [...]*”. De acordo com, Viegas e Guimarães (2004), as crianças sensibilizadas e conhecedoras dos problemas ambientais são a esperança de que quando adultas sejam capazes de resolverem os problemas, transformando a sociedade para ser ecologicamente sustentável.

Nos relatos obtidos na questão dois, destacou-se dentre as respostas a temática da caça e o cuidado com os animais, como pode ser observado “*Aprendi que não pode matar pássaros*”; “*Eu levaria deste aprendizado não maltratar as aves e não matar todas as aves*”. Esta é uma das questões mais importantes a serem trabalhadas, pois a exploração dos recursos

de forma não sustentável, especialmente a caça, afeta o ambiente gerando impactos e pode causar até mesmo a perda e a extinção de espécies (COLCHESTER, 1993; ROUÉ, 1996; GTZ, 2003; ARNT, 2000; OLMOS et al., 2001 apud TIMMERS, 2004). Destaca-se desta forma, a necessidade de garantir a soberania alimentar dos povos Indígenas a fim de promover a conservação da biodiversidade (BRASIL, 1998).

Quando os estudantes foram convidados a anotarem o nome em português e Kaingang da ave preferida, 39% dos estudantes responderam a coruja, sendo seguida a preferência pelo tucano (13%) e a andorinha (13%), conforme figura 2.



**Figura 02:** Aves preferidas pelos estudantes, obtidas através da oficina das aves.

A atividade de observação de aves é um tema adequado para o trabalho de educação ambiental, tratando-se de uma ação importante por permitir aos estudantes desenvolverem atitudes de respeito em relação a natureza, além de despertar o interesse e a sensibilidade para a conservação (COSTA, 2007). A partir dos relatos da oficina ficou evidenciado a importância de se trabalhar a educação ambiental com as crianças para a construção de um mundo melhor (VIEGAS; GUIMARÃES, 2004).

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Atualmente uma das metas da educação é incluir, interagir e trabalhar com a diversidade cultural a fim de garantir o acesso ao conhecimento científico à maioria da população, contribuindo para a diminuição das desigualdades sociais. Nesta tarefa, os espaços não formais de divulgação científica incluindo os museus desempenham papel fundamental no processo de divulgação científica.

A experiência vivenciada pelo museu de Ciências Naturais junto aos estudantes Indígenas proporcionou muitos aprendizados à equipe promotora do projeto no sentido de agregar novos conhecimentos além do reconhecimento e valorização da cultura Kaingang como referencial histórico da nossa região, da nossa cidade (Chapecó) e na interação homem/natureza.

## 5. REFERÊNCIAS

BERGAMASCKI; Maria. Aparecida. MEDEIROS. Juliana. Schneider. **História, memória e tradição na educação escolar indígena: o caso de uma escola Kaingang.** *Revista Brasileira de História.* São Paulo, v. 30, nº 60, p. 55-75, 2010.

BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial curricular nacional para as escolas indígenas.** Brasília: MEC/SEF, 1998.

CASSIS, Filomena. A integração é um processo complexo. **B-i ACIDI,** Portugal, nº. 83, p. 4-7, 2010.

COSTA, Graça dos Santos. Didática e formação continuada para a diversidade cultural: perspectivas e desafios. In: SUANNO, Mariuza; RAJADEL, Núria. **Didática e formação de professores: perspectivas e inovações.** Goiás: PUC, p. 133-161, 2012.

COSTA, Ronaldo Gonçalves de Andrade. Observação de aves como ferramenta didática para educação ambiental. **Didática Sistemica,** Rio Grande, FURG, v. 6, p. 33-44, julho a dezembro, 2007.

DELIZOICOV, Demétrio. **Conhecimento: tensões e transições.** 213 f. Tese (Educação). São Paulo: IFUSP, Universidade de São Paulo, 1991.

FRIEDRICH, André Henrique Spilmann. **A cultura Índígena Kaingang como referência para a criação de jóias.** 114 f. Monografia - Design, Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, 2010

HENRIQUES Ricardo; GESTEIRA Kleber; GRILLO, Suzana; CHAMUSCA Adelaide (Org). **Educação escolar indígena: diversidade sociocultural indígena ressignificando a escola.** Brasília/DF: Cadernos Secad, 2007.

RASERA, Júlio César Castilho; BOCCARDO, Lilian; PEREIRA, Jussara Paula Rezende Percepção sobre a fauna em estudantes indígenas de uma tribo tupinambá no Brasil: um caso de etnozologia. **Revista electrónica de Enseñanza de las Ciencias.** v.5,n.3, p. 466-480, 2006.

STUANI, Geovana Mulinari; BORDIN, Sandra Mara Sabedot; MUNERON, Tania Lucia; CONFORTIN, Ana Cristina. As contribuições do projeto biologia na praça na formação docente. In: **Anais do VI Encontro regional Sul de Ensino de Biologia e XVI Semana Acadêmica de Ciências Biológicas.** Santo Angelo/RS, 22 a 24 de maio de 2013.

TIMMERS, Jean-François. Respeitar a vida e o ser humano: a preservação do meio ambiente com e pelos índios evita a definitiva condenação da biodiversidade. In: RICARDO, Fany. (Org.). **Terras Indígenas & Unidades de Conservação da natureza: o desafio das sobreposições**. São Paulo: Instituto Socioambiental, p.174-186, 2004.

VIÉGAS, Aline; GUIMARÃES, Mauro. Crianças e educação ambiental na escola: associação necessária para um mundo melhor? **Revista brasileira de educação ambiental**. Brasília, Sapiens Comunicação, nº 0, novembro, 2004.

Financiado parcialmente com o apoio do FUMDES